

Justiçamento: 18 casos em seis meses

Sociólogo afirma que violência com as próprias mãos é reflexo da frustração e omissão do Estado

MILTON RODRIGUES
REPÓRTER

Restabelecer a ordem, essa é a máxima que paira na cabeça de todo justiceiro. A ideia é nobre, porém suas ações são duvidosas quanto ao entendimento de uma sociedade civil e organizada. Espancar alguém, ainda que seja um criminoso, é crime e não existe meio termo quando se delega ao Estado o poder coercitivo. Ano após ano, uma série de casos de espancamento e linchamento são registrados com mais frequência nos noticiários. Almoça-se em Alagoas com programas policiais e vive-se intensamente o disabor de casos sem solução. No Estado, cerca de 18 casos foram registrados de setembro de 2013 a março deste ano, segundo dados da Ordem dos Advogados do Brasil em Alagoas (OAB-AL).

Na última sexta-feira (9), pelo menos dois casos foram

registrados. O jovem João Paulo dos Santos, de 22 anos, chegou a ser agredido no bairro do Pinheiro, após ter cometido supostamente um assalto. Outros dois jovens também foram agredidos no mesmo dia em Bebedouro após uma tentativa de assalto.

Já neste último domingo (11), um homem de 38 anos foi acusado de estupro a própria filha, de 15. Todos foram espancados por populares, os chamados justiceiros.

De acordo com o sociólogo Carlos Martins, membro do Núcleo de Estudos sobre a Violência da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), o que leva uma pessoa a atuar dessa maneira é o sentimento de frustração e omissão do Estado.

“Vivemos um apogeu no auge do estresse, nós, seres humanos, em nossas relações sociais construímos necessidades e que tem que ser cumpridas, quando não são,

o acúmulo acaba produzindo um subjetivo de raiva”, define.

Para o sociólogo, a ausência de políticas públicas efetivas do Estado com uma perspectiva humana torna o caso mais grave a cada dia. “Eu já fiz inúmeras críticas ao Brasil Mais Seguro que é um projeto fadado a não dar certo, pois ela é uma ação que nasce, se desenvolve e morre na questão policial, e o problema é mais profundo”, aponta.

Ainda segundo o sociólogo, para reverter essa situação não existe uma “fórmula mágica” de curto prazo. “A violência é um produto rentável para o capitalismo. É complicado mudar essa estrutura quando pessoas lucram com a venda de concretos na criação de muros, segurança particular e programas policiais. A pergunta que se faz é outra: até que ponto há interesse em acabar-la?”, devolve.



João Paulo dos Santos foi agredido no Pinheiro após supostamente ter cometido um assalto no bairro

REPRODUÇÃO INTERNET